

O objeto como verbo e a voz improdutiva do olhar

Roberto Douglas Queiroz Gorgati

Univesidade do Estado de Santa Catarina – UDESC (Santa Catarina)



BRUX - (2017). entreAberta Cia Teatral. Direção Alexandre Fávero. Atuação Fabiana Lazzari e Tuany Fagundes. Foto Jeruza Mary



Livres e Iguais (1999). Teatro Sim... Por Que Não?!!!. Direção de Júlio Maurício, Nazareno Pereira e Nini Beltrame. Foto de Ron Lima.

<http://dx.doi.org/10.5965/2595034701192018170>

Resumo: No presente artigo busco problematizar o objeto como contendor de gestos e memórias que se evidenciam em sua aparência. A partir de uma tampa rosqueável encontrada na rua, pude ver uma série de técnicas dispersas que, agindo sobre tal objeto, o aproximou do formato de um olho. É sobre esse olho de plástico que as reflexões sobre uma possível voz pertencente a um objeto se desenvolvem. A voz como verbo poético apresenta-se não apenas em forma acústica atual mas em memória por indícios de informações e diálogos.

Palabras-chave: Objeto. Memória. Verbo. Voz.

Abstract: This article discusses the voice of the objects like potencial verbs. The object have in his own composition a sort of verbs that can be perceived like form and materiality. The acoustic voice is just one between a lot of poetic verbs that made one object.

Keywords: Object. Memory. Verb. Voice.

ISSN 1809-1385
e-ISSN: 25950347

As notas eram retângulos de material fino e flexível, de cor única, mas com tonalidades diferentes, como diferentes eram também os pequenos rostos emblemáticos que as distinguiam. O funcionário contou-as. Quando as reunia para guardá-las no cofre, uma delas enrolou-se subitamente e apertou-lhe um dedo. (SARAMAGO, 1994, p. 71).

Enrolar, dobrar, quebrar, entortar ou flexionar são verbos que conformam os objetos. Em um processo de produção podem variar os verbos e ainda pode-se acrescentar o derreter, curar, endurecer, resfriar ou moldar, por exemplo. Seria possível fazer uma espécie de inventário relativo aos verbos encontrados em um objeto qualquer. em suas funções cotidianas como por exemplo: destampar, rosquear, torcer, furar, etc. Aqui aparece algo relativo aos verbos do corpo como ações e gestos. É possível argumentar que, quem rosqueia é uma pessoa, quem fura ou torce algo também, porém há decerto uma série de verbos que são efetuados também por outras máquinas a que se pode chamar de objetos que produzem o que outrora fora um gesto humano.

Há um diálogo de verbos entre objetos. Carregar, despejar, desmoldar, estriar, raspar, cortar e embalar se torna parte de um diálogo entre águas, turbinas, cabos, transformadores, torres, plásticos e metais. O verbo se torna mecânico e também é a forma de ligação entre materialidades diferentes.

Ao olhar um certo objeto, é possível perguntar pelo processo de sua feitura, uso, estocagem e descarte, e a resposta se fará em verbos, os mesmos verbos antigos que atravessam os objetos assim como atravessam os corpos. O antigo transforma-se em memória ou mesmo assume sua memória quando se fez, viu, andou, conheceu, correu, dançou, etc. Se:

Pego uma pedra pontuda por exemplo e a utilizo como faca. Essa faca é uma memória. Nessa pedra guardo a informação cortar ou abrir. Quem, depois de mim, pegar essa pedra na mão pode acessar a informação a partir da pedra. A informação está publicada, intersubjetivada e ao

mesmo tempo guardada na pedra. esse gesto discursivo é estruturalmente comparável com a televisão, o rádio ou o jornal. A soma desses apoios de memória chama-se cultura material. Em comparação com a cultura oral, ela tem a vantagem de que as informações podem ser conservadas por um tempo extraordinariamente longo. a partir das cunhas vocês ainda podem acessar bem as informações após um milhão de anos (FLUSSER, 2014, p. 53, 54).

O próprio objeto possui memória na relação com outras materialidades ou objetos. Os verbos cortar e abrir estão, em uma pedra pontuda, unidos ao partir-se e abrir-se de outra substância. A memória dos objetos funda-se em verbos inscritos em formas e materialidades dispersas. É nessa dispersa publicação dos verbos que os objetos podem encontrar suas vozes. A pluralidade de usos, armazenamentos, estocagens ou exposições dos objetos distribui seus verbos como ações latentes e rememoradas a cada encontro de densidades ou materialidades. Deposita-se verbos em objetos.

Dois olhos encontrados pela rua

Dois olhos, sem a função de ver, foram encontrados pela rua como duas tampas sem a função de tampar. São duas tampas de garrafa, uma plástica (fig. 1) e outra de metal com um plástico por dentro (fig. 2) que, do modo como foram dobradas, atropeladas, pisoteadas, raspadas e oxidadas se assemelham a olhos. A forma chamou a atenção do olhar enquanto eu andava pela rua. Estavam em um cruzamento, perto da calçada, mas foi necessário que eu esperasse os carros passarem para que eu pudesse pegá-las. Olhar para o chão enquanto se passeia tem sido o modo de encontrar gestos impressos em objetos que estão pela rua. Pregos, fios, arames, parafusos, porcas, palitos de churrasco ou de dente, canudos plásticos, papéis, plásticos, arruelas, papelões, anéis, sapatos, roupas e estilhaços são verbos de entortar, conduzir, amarrar, girar, apertar, furar, queimar, beber, rabiscar, embrulhar, prender, rasgar, presentear, calçar, vestir e acidentar. Tudo isso em um percurso de cem metros.



Olho de Plástico. Foto de Roberto Gorgati.



Olho de Metal e Plástico. Foto de Roberto Gorgati.

Voltando aos olhos feitos de tampa de garrafa, estes guardam dobras, arranhões, vincos e desgastes feitos por automóveis, sapatos, chuvas e movimentações que, desfazendo a função de tampar, imprimem verbos poéticos. Aqui, o verbo se torna poética dos objetos. Esse objeto descartado, desvia-se de sua função tendo um corpo formado por verbos humanos e de máquinas. Há decerto uma espécie de amostra condensada de verbos plurais que, a rigor, guardam autorias dispersas. A autoria dispersa aponta para um espaço maior do que aquele circundante ao objeto sendo que o objeto com suas dobras e arranhões é um espaço que comporta verbos. É no verbo que objeto e espaço se abrem com afinidade para suas características contentoras. O objeto tem seus verbos em um espaço mínimo de informações sendo, seus arranhões e dobras, retirados do asfalto, da areia e da superfície resistente da rua. Assim não haveria como desligar objeto e espaço nessa produção dispersa

de verbos múltiplos. Há um diálogo como “método graças ao qual informações que estão depositadas em duas ou mais memórias são trocadas para conduzir a novas informações” (FLUSSER, 2014, p. 49, 50). A rua com seus verbos encontra o objeto com seus verbos.

O olho que surge de uma tampa de garrafa é uma nova informação em que meu olhar se espelha. O objeto pode ser recolhido enquanto a rua permanece imóvel como lugar de atrito, de chuva, de acidentes e atropelamentos em tampas.

O olho, nesse mínimo espaço, traz os verbos da rua assim como a faca de pedra traz a mão que a utilizou e as batidas que a lascou. A rua, assim como a tampa torta, perde-se nos verbos que a compõe. Decompõe-se em pedras, óleos, cimentos, tratores, terras, borrachas, combustíveis, sóis, remendos e águas combinadas por verbos dispersos que extrapolam a localização.

Como verbo, o arranhão no plástico assemelha-se ao arranhão no asfalto antes do recapeamento, assemelhando-se também ao arranhão da lixa sobre a madeira. O arranhar torna-se mais ruidoso do que o dobrar.

O som dispersou-se, pois tudo o que restou da tampa plástica foram os verbos que formam uma narrativa muda sem a acústica do romper, do pisar, do dobrar ou do arranhar. Mas é fato que cheguei bem depois dos verbos impressos nos olhos de plástico e metal. Os verbos recolhidos em uma tampa plástica encontrada na rua assemelham-se ao que Flusser considera uma “revolução técnica” onde:

Talhada, a pedra ficou cada vez melhor, mais elegante, mais bela. Mas de repente, certo dia, veio alguém - algumas poucas pessoas ou milhares de pessoas - que disseram: não quero mais afiar as minhas pedras, quero as lascas. Essa é uma revolução inédita da cultura: o desprezo pela produção. A valorização do detrito. Esses pequenos, finos *chips* que caíram como restos, sobras, são uma obra maravilhosa. No ápice dessa cultura, há cerca de vinte e cinco mil anos, o interesse mudou de uma forma que talvez nunca tenha acontecido em nossa

cultura. Há um deslocamento do olhar, da obra para o detrito. Perdeu-se essa mentalidade colossal. (FLUSSER, 2014, p. 69-70).

O objeto reformulado por verbos que escapam à produção intencional, surge como detrito também da rua. O espaço monumental de ruas, estradas e urbanizações dissolve-se em um outro espaço detrito. Essas “lascas” são encontradas quando a “mentalidade colossal” se perde. Como método é importante que veja um olho e não uma tampa amassada. Somente um olho conformado por verbos “improdutivos” escaparia ao colossal, à obra “bela e elegante”. Encontrar as combinações entre verbos e materialidades fora de um âmbito completamente controlado como o da fábrica é apontar para diálogos ininteligíveis com a cultura do olhar. Junto a dobras que lembram um olho há destroços de tampas, tampas inteiras, apenas raspadas, ou presas ainda à garrafas de vidro ou plástico.

Há uma grande variedade de formas constituídas pelo verbo pisar, cair ou raspar e a rua se torna uma espécie de laboratório encontrado todo desarrumado com coisas pela metade, coisas por fazer e outras aparentemente intocadas. São esses experimentos com objetos e verbos que podem indicar uma espécie de enunciado da materialidade. Memória, informação e diálogo vão além de uma metáfora na pesquisa sobre objetos.

Os detritos do verbo falado

O verbo composto até aqui por informação, memória e diálogo baseia-se em objetos encontrados pela rua como formas e materialidades que destoam da idéia de obra ao permanecerem detritos. Objeto e espaço como detritos convidam para uma mudança de escala, a escala dos verbos. Objeto e espaço ainda percebidos e tomados como contentores ou móveis, apenas por seus tamanhos relativos aos humanos escondem o verbo. Este monta, empilha, levanta, mede, compõe, dobra, cobre, reforça, pinta,

desmonta, refaz ou finaliza espaços e objetos.

O verbo produz então, diálogo, memória e informação impressos na pedra, no metal ou no plástico. Haveria então detritos do verbo? Um verbo irreconhecível onde não se pode habitar nem colá-lo ao corpo? Mesmo as lascas e detritos não escapam totalmente a serem obras. Há uma mudança de olhar, de escala, mas é como se fosse sair do colossal para o diminuto onde o verbo não se deteriora na transição.

O verbo como técnica do corpo, dos objetos e do espaço tem um aspecto produtivo onde “chip”s e obras colossais se apaziguam. Raspar, entalhar, dobrar, colorir, girar, mover, levantar ou “ondular” (LECOQ, 2010, p. 117), criam memória, informação ou diálogo. O verbo possui uma dimensão poética produtiva que não se deteriora pois publica-se na materialidade referente da linguagem; descobrem-se os verbos em retrocesso. O verbo imprime-se, possui materialidade pelo modo de sua impressão; não apenas por uma lógica de enunciado mas também por imprecisa sensação ou pelos ruídos. Para Flusser, “uma desvantagem da chamada cultura oral é que durante a transmissão

penetram ruídos, e, conseqüentemente, boa parte das informações já se perde na transmissão” (FLUSSER, 2014, p. 52- 53).

O verbo em sua forma acústica preenche-se de ar e este como meio, interfere com seus verbos de retardar e soprar sonoridades improdutivas. O ruído, seria então esse detrito do verbo falado e também, como o detrito das pedras, ainda carrega informação, memória e diálogo. Ainda assim o detrito do verbo falado pode ser assimilado como obra, como verbo de vibrar em escala diminuta ou colossal.

Os detritos da produção parecem ser temporários e rapidamente assimilados como obra em novos verbos autofágicos como reutilizar, reencaminhar, revirar, revisar, reciclar, reaproveitar, reamassar, redobrar, reembrulhar, repetir, recontar, rebobinar, repintar, restituir, relembrar, rememorar, reabastecer ou repor.

O detrito guarda uma memória colossal de obra pois não se sabe ao certo, pela raspagem na tampa plástica quantas vezes aquele plástico já foi reciclado, o número que indica foi raspado.

O histórico de verbos de um objeto escapa ao meu olhar pois deseja ligar-se a um verbo que o aceite sem reservas. Aos meus ouvidos e olhar chega, como uma voz de luz ruidosa aos olhos, pelo calor nas mãos, pelas ranhuras e pelo peso. Procurar as vozes também como os verbos, parece escapar aos verbos de diálogo do próprio corpo pois este deixa de ser ferramenta ágil muito facilmente. O que o corpo pode produzir com gestos limitados? Com os detritos dos próprios verbos que criou? O corpo já sente essas peças quebradas, plásticos rachados, pregos tortos e tampas amassadas como verbos impenetráveis de uma produção sem detritos, sem falhas na transmissão de informações e memórias.

Os verbos do corpo, ironicamente, foram doados a objetos que dialogam entre si. Não tocá-los, não vê-los nem ouvi-los seria o único modo de não impregná-los de descobertas acabando com todo e qualquer verbo que pudesse ser assimilado pelos objetos. Um verbo incompreensível até mesmo para uma matéria, uma substância paciente como uma pedra. Ainda assim, reteriam qualquer olhar ou toque como ruído ou lascas que podemos

produzir, ordenando pacientemente no tempo verbos anônimos executados por carros, pneus, ruas, pedras, areia, tampas plásticas, fios para um dia mostrarem-se como uma parte de nossos corpos. Um objeto inusitado surge não com a evidência de mãos que moldam mas como a sugestão de um olho de plástico que caminha sob os ônibus, chutes, pisões e enxurradas até encontrar, para um diálogo, como sua voz dobrada, arranhada, discreta e atual, algo que lhe doe o que lhe falta, o verbo improdutivo do olhar.

REFERÊNCIAS

FLUSSER, Vilém. **Comunicologia: reflexões sobre o futuro**. Trad. Tereza Maria Souza de Castro. São Paulo: Martins fontes, 2014.

LECOQ, Jacques. **O corpo poético: uma pedagogia da criação teatral**. Trad. Marcelo Gomes. São Paulo: Editora SENAC; São Paulo: Edições SESC, 2010.

SARAMAGO, José. **Objecto quase**. São Paulo: Companhia das letras, 1994.